

COTIDIANO DA ESCOLA

O COTIDIANO ESCOLAR E SUAS PRÁTICAS HETERONORMATIZADORAS

Eliane Rose Maio*

Isaias B. de Oliveira Júnior**

Estudos realizados sobre a homofobia nas escolas brasileiras, pela ONG Reprolatina (2011), mostram que o ambiente escolar é altamente homofóbico e necessita, sim, de políticas públicas de combate a essas formas de preconceito. Essa pesquisa realizada em 11 capitais brasileiras, ouviu 1,4 mil pessoas envolvidas com o processo educacional, identificando que, na maioria das vezes, a hostilidade contra alunos/as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Bigênero, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Questionadores/as, Aliados/as, Assexuados – LGBTQIA, surge nas mais distintas formas, as mais imperceptíveis se sucedem em forma de piadas ou brincadeiras potencialmente ofensivas, mas que nem sempre são identificadas pelos envolvidos no processo educacional como LGBTQIAfobia.

Estudo organizado pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), em 500 escolas públicas brasileiras, apontam que ao serem entrevistados/ as os/as alunos/as concordaram com as seguintes afirmações: “Eu não aceito homossexualidade” – 26,6%; “Pessoas homossexuais não são confiáveis” – 25,2%; “A homossexualidade é uma doença” – 23,2% e “Os alunos homossexuais não são normais” – 21,1% (GUINOZA, 2011, p.81).

Além disso, os próprios docentes

[...] reconhecem que não aplicam muitas das recomendações estabelecidas nas políticas e planos anuais porque sentem que não estão preparados para atuar na área das diversidades sexuais

*Doutora em Educação Escolar - UNESP/Araraquara e Professora da Universidade Estadual de Maringá, no Departamento de Teoria e Prática da Educação.

**Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Estadual Paulista.

e da homofobia e também porque temem que as famílias se oponham a que esses temas sejam tratados nas escolas. Também os educadores, que sabem que esses temas deveriam ser tratados como temas transversais, pela falta de tempo e por não se sentirem preparados, preferem ignorar o tema e só falar dele quando os estudantes fazem perguntas específicas sobre o tema. Um tema recorrente nas entrevistas com autoridades das escolas e educadores é que os educadores estão sobrecarregados, com falta de preparo e sem motivação para trabalhar os temas transversais (REPROLATINA, 2011, p.65).

Bello e Luzzi (2009, p.4694) afirmam que os debates sobre a diversidade sexual, quando ocorrem no espaço escolar, são “realizados muitas vezes a boca pequena, recheados de moralismos, de posições religiosas, feitos em tom de fofoca que ao não enfrentar a reflexão e necessidade de conhecimento sobre a temática, acabam por referendar a discriminação e a exclusão de inúmeros estudantes do espaço escolar”.

Essas constatações nos fazem considerar a escola brasileira como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no interior e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens LGBTQIA, por meio das mais diversas formas de manifestações, principalmente no que diz respeito à vida cotidiana escolar e às pedagogias mobilizadas pela escola que raramente divulga os casos de agressão física ou verbal, evasão ou abandono escolar, associados a estudantes homossexuais. No entanto, a LGBTQIAfobia incide fortemente nas trajetórias educacionais e formativas e nas possibilidades de inserção social de milhões de jovens LGBTQIA (UNESCO, 2004).

Além desses fatores, Rocha Filho (2010) atribui ao currículo escolar a função de um dos elementos mais importantes que tem contribuído de forma decisiva para a defasagem da educação escolar, por funcionar como instrumento de poder e de discriminação, por não levar em consideração as diferenças existentes na sociedade, homogeneizando os/as alunos/as sem respeitar a diversidade.

Para Bello e Luzzi (2009, p.4695) quando a escola enfatiza no seu currículo ou na sua conduta de forma real ou oculta da heteronormatividade como a “única possibilidade de orientação sexual, acaba por incentivar práticas homofóbicas dentro do processo educacional”, afastando do seu interior aqueles que sofrem as práticas excludentes. Dessa maneira,

[...] as consequências da homofobia são muito prejudiciais para adolescentes LGBT e inclui tristeza, baixa autoestima, isolamento,

violência, abandono escolar e até o suicídio. Especialmente travestis e transexuais não podem continuar na escola por ser a escola um ambiente hostil para eles/as. Também neste ponto há necessidade de investigar melhor a situação de travestis e transexuais nas escolas e os motivos do abandono escolar (REPROLATINA, 2011, p.65).

Se o processo inverso também ocorresse, se houvesse reconhecimento e aceitação da diversidade sexual, é provável que o indivíduo ou grupos de indivíduos LGBTQIA, passem a ter orgulho do que são e a não sentirem-se inferiores porque não correspondem a uma matriz heteronormativa, favorecendo, assim, a permanência e o sucesso escolar.

(Re)pensando caminhos

A inclusão da diversidade sexual no âmbito escolar deve ser vista como um direito e não como uma concessão. Essa prerrogativa nos aponta para a necessidade de implementação de políticas educacionais com vistas à igualdade, equidade de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e combate a heteronormatividade, pois conforme Rego (1995) em uma sociedade letrada e complexa como a nossa, em que a escolarização desempenha um papel tão fundamental na constituição do indivíduo, o fracasso e o abandono escolar por parte desses/as alunos/as, constituem-se, nessa perspectiva, fatores de extrema gravidade, pelo impedimento de apropriação de saberes necessários para atuação e transformação de seu meio social.

Para que haja uma inclusão efetiva dos sujeitos LGBTQIA, é necessário que professores/as, adquiram o hábito da leitura e aprofundamento dos conhecimentos acerca da diversidade sexual, que lhes permitam uma discussão crítica se realmente pretendem transformações na prática social dos seus alunos/as e principalmente em sua própria atuação profissional, para que tenhamos uma sociedade mais justa e menos desigual.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

BELLO, Melissa Colbert. LUZZI, Jacqueline. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: da exclusão social à afirmação de direitos**. A experiência do núcleo de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Anais...IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC/PR, out. 2009.

GUINOZA, Marcos. **Cartilha da Discórdia**. Revista Brasileiros. São Paulo, n. 47, pp.80-81, jun. 2011.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REPROLATINA. **Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva**. Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras. São Paulo: 2011.

ROCHA FILHO, João Silva. **O currículo escolar e as relações de heterossexismo e homofobia na educação básica**. Fazendo Gênero. Diásporas, Diversidade, Deslocamentos. p.1-9, ago. 2010.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.